

# NA ORAÇÃO, ACOLHER O AMOR DO PAI

Quaresma de 2023 – A oração, caminho para viver a nossa vocação filial

Com as tentações no deserto, Jesus ensinou-nos as atitudes filiais fundamentais: permanecer voltados para o Pai, fonte de vida, num ato de confiança e de amor, para esperar pacientemente que venha d'Ele a salvação prometida. E compreendemos facilmente que a oração pessoal é um local privilegiado para exprimir na nossa vida estas atitudes filiais. Podemos mesmo dizer que **é na oração que eu exerço a minha condição de filho**: ao tomar tempo para estar voltado para o Pai, reconhecendo-O como Pai, fonte da minha vida, ao receber a sua Palavra como alimento, ao afirmar-Lhe a minha confiança n'Ele, num ato de profundo reconhecimento e de adoração, mantenho-me na Esperança.

## «Onde estás?»

Desde a origem, o Senhor manifestou o seu desejo de comunhão com a Humanidade e a primeira consequência do pecado original é romper esta relação natural entre o Criador e a sua criatura. Depois da queda, o homem e a mulher, descobrindo a sua vulnerabilidade, fabricam para si proteções e querem esconder-se quando o Senhor chega: *«Ouviram, então, a voz do SENHOR Deus, que percorria o jardim pela brisa da tarde, e o homem e a sua mulher logo se esconderam do SENHOR Deus, por entre as árvores do jardim. Mas o SENHOR Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» Ele respondeu: «Ouvi a tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu.»* (Gn 3, 8-10)

Antes da ruptura da aliança, Adão e Eva tinham sido colocados no jardim que lhes dava os bens necessários e o Senhor Deus tinha gosto em visitar a sua criatura, homem e mulher diante d'Ele, numa confiança mútua em que a fraqueza humana, simbolizada pela nudez, não era experimentada com temor. A narrativa teológica das origens e particularmente a da queda, revela-nos o que os crentes tinham compreendido sobre o desígnio do amor criador de Deus sobre eles. O livro do Génesis revela **o desejo que Deus tem de viver numa relação de confiança, uma relação pessoal em que o homem se saiba expor, mesmo na sua fragilidade**, ao olhar benevolente de Deus. Mas nós já não experimentamos naturalmente este encontro com o Senhor. No entanto, não esqueçamos que o primeiro a sentir a falta desta relação, depois da ruptura, é o próprio Senhor. É Ele o primeiro a exprimir a sua surpresa por já não poder encontrar-Se abertamente com a sua criatura e grita:

«Onde estás?». Assim, não se torna a oração pessoal num caminho espiritual em que tentamos responder a esta pergunta e também uma busca para corresponder à nossa vocação original? Na oração não procuramos reencontrar o paraíso definitivamente perdido, mas reconhecer a nossa vocação primeira que nos foi dada no momento da Criação: o homem é um ser relacional e a relação é, primeiro que tudo, com Deus. **Ter tempo para a oração é ouvir a pergunta de Deus: «Onde estás?»** e responder: «Eis-me aqui!» e, depois, lutar diretamente contra a primeira consequência do pecado original, não nos escondendo do olhar de Deus.

## Sob a tenda da festa

Jesus recorda-nos, na parábola dos dois filhos (Lc 15,11-32) como **o Pai não Se deixa vencer pela desobediência**. O filho mais novo reclama a sua parte na herança e vai-se embora, para deixar de viver na dependência do pai, que o deixa livre. O pai, no entanto, sabia que isto levaria o filho ao fracasso, mas esperou o seu regresso. Quando ele regressou, desejou ser reintegrado na casa do pai como um simples servo; renunciava, assim, à sua dignidade de filho, tendo como objetivo, acima de tudo, não morrer de fome. Mas tal não era o desígnio do pai, que lhe reservava um festim na tenda do encontro, uma festa que o filho mais velho e fiel nunca tinha tido: daí o seu ciúme. O filho pródigo voltava a ser estabelecido na sua dignidade filial e foi revestido de roupas e de sinais (anel e sandálias) correspondentes a essa dignidade. Assim, **a nossa infidelidade revela o amor do Pai, e o seu desígnio sobre nós**: o seu desígnio e a sua aliança são muito mais poderosos e fortes que o nosso mal. O Pai não tem nenhum interesse em ter um servo suplementar; a sua alegria é ter um filho. E a diferença radical entre o filho e o servo, embora ambos façam a vontade do pai e trabalhem ao seu serviço, é que **só o filho partilha da intimidade do Pai**.

Criados à imagem e semelhança de Deus, de agora em diante, em Jesus Cristo, tornamo-nos filhos adotivos do Pai: eis a maneira pela qual o **Pai reintroduz as suas criaturas na tenda da festa**. São Paulo, na Epístola aos Efésios, desenvolve um pouco o que é esta nova vocação do homem, em Jesus: «Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor. Predestinou-nos para sermos adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade, para que seja prestado louvor à glória da Sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no Seu Filho bem-amado.» (Ef. 1,3-14). Paulo expõe aqui o plano de salvação de Deus. Mostra como toda a Trindade está empenhada na realização da obra da criação e redenção e qual é o lugar que nos está preparado: estamos destinados a ser santos e irrepreensíveis diante da face do Pai, pela graça de Cristo e pelo poder do Espírito Santo. Podemos ser este louvor de glória, que é acolhimento absoluto do amor do Pai e resposta nossa, pelo amor. Esta atitude é a mesma do Verbo de Deus, tal como no-la descreve o prólogo do Evangelho de João; assim, fomos adotados na vida trinitária. Eis a finalidade da nossa vida espiritual: nem mais nem menos que participar, enquanto filhos adotivos, na vida trinitária. E isso, como diz o apóstolo, não apenas depois da morte, mas desde a vida presente. O Espírito Santo que foi difundido nos nossos corações constitui o penhor da nossa herança.

## A oração, antecipação no paraíso

Compreende-se, pois, que, **de certa maneira, o tempo de oração torna-se uma antecipação do paraíso**. O paraíso que nos espera é o lugar em que «Deus será tudo em todos». Ora, na fé, eu

sei que esta graça já me foi dada. Pela fé, pela graça do meu batismo, reforçada e renovada pela Eucaristia e pela Reconciliação, **já existe em mim o germen de vida divina que não quer senão transfigurar a minha vida**. Tirando tempo para acolher este mistério do meu ser e do desígnio do amor do Pai, tomando tempo de estar em comunhão com o Senhor, antecipo, pois, o paraíso, porque acolho o desígnio de Deus e o dom já feito pelo seu Filho e pelo Espírito. Volto-me para o Pai, pela graça de Cristo que é dada hoje, no poder do Espírito. O que faz com que Teresa do Menino Jesus diga: «Como é grande o poder da oração! Dir-se-ia uma rainha que tem livre acesso junto do rei a cada instante, e que pode obter tudo quanto pede.» (Ms C 25 rº)

Desde logo, é por ser da vontade do Senhor viver em comunhão connosco, que nós podemos viver já esta comunhão na terra. Vimos no hino aos Efésios que o Pai nos escolheu desde o começo do mundo. Assim, **quando eu me preparo para fazer oração não fico entregue a mim mesmo, não estou só**. O meu desejo não fica isolado: muito antes do meu, está o desejo do Pai. E é, nem mais nem menos, que toda a Trindade que se compromete comigo para viver este tempo de intimidade, para partilhar a sua vida comigo. Pela fé, tomo consciência do mistério a que sou chamado/a e que me comprometo a assumir uma atitude de filho/a.

## Gratuidade e intimidade filial

Para começar, tomar uma atitude filial é saber reservar tempo para esta relação íntima. À gratuidade do dom de Deus, corresponde uma certa gratuidade minha, no tempo que ofereço, porque **o que receberemos é muito superior ao que podemos dar**. E respondemos ao convite do Pai, escutado no Evangelho da Transfiguração deste 2º domingo da Quaresma: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-O!». É por isso que **os tempos de aridez e de vazio na oração podem ser tempos abençoados**: porque nos dão a possibilidade de oferecer um dom mais gratuito do nosso tempo. Não recebendo nenhuma gratificação sensível, a aridez permite-me dar este tempo de oração sem receber compensações, gratuitamente, à Aquele por Quem me sei amado.

Reservar tempo para a oração é também ter uma atitude filial, no sentido em que, não sendo escravo do Pai, mas seu filho, partilho da sua intimidade. **O meu valor aos olhos do Pai não tem a ver com o que eu faça por Ele, mas com a sua graça, que me constitui filho por adoção**. Seria falsa humildade recusar a graça divina e querer permanecer no estado de servo. Seria imitar a atitude do filho pródigo que queria ser tratado como um trabalhador, mas o seu pai nem o deixou terminar a frase. Rejeitar o dom da graça, além de ser uma infidelidade, à imagem da do filho pródigo, seria acrescentar ainda o mau espírito do filho mais velho, que ficou de fora na festa.

## De servo a filho: um ato de fé

**Na nossa vida cristã não devemos assumir uma atitude de escravos**, nem permanecer servos quando somos chamados a tornar-nos filhos. Aquele que quer trabalhar para o Senhor, sem querer partilhar uma relação pessoal na oração, considera-se como um simples servo: não conhece Deus como seu Pai, só O conhece como seu senhor, e um senhor severo (Lc 19,21). Definitivamente, rejeita o desígnio de amor que o Pai tem sobre si. Escutemos Jesus dizer-nos: «Já não vos chamo ser-



vos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai.»(Jo 15,15). E, para mostrar devidamente que isto não se deve aos nossos méritos, Jesus continua, no versículo 16: «Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto».

**É, pois, uma falsa generosidade e conhecer mal a Deus nosso Pai, não nos acolhermos como seus filhos e queremos permanecer servos.** Não tirar tempo para a oração, para a intimidade, para a relação confiante e filial é rejeitar o próprio desígnio de Deus, nosso Pai. Para aqueles que são pais, e para todos nós que já fomos filhos, imaginemos um só instante uma tal relação de senhor a escravo nas nossas relações familiares. Imaginemos então um só instante a tristeza do pai e da mãe por esses filhos que rejeitam esta relação íntima. Não há fundamento mais sólido nem mais profundo para justificar o nosso tempo de oração: eu oro porque sou filho do Pai. Assim, podemos compreender que a dimensão contemplativa da vida cristã manifesta a dignidade de cada cristão e é por isso que Jesus não hesita em qualificar como a melhor parte aquela que consiste em sentarmo-nos a seus pés. Sim, esta é a melhor parte e é dada a todos.

Orar é, antes de tudo, acolher o desígnio de amor do Pai sobre nós; é fazer um ato de fé no seu desígnio benevolente por cada um de nós. **O nosso ato de fé, no início da oração, é a forma de pormos em prática tudo o que sabemos sobre este desígnio de amor,** sobre as realidades espirituais pelas quais vivemos. Sem o ato de fé, tudo isto permanece exterior à minha vida: no melhor dos casos, essas realidades permanecem na minha inteligência. Ao fazermos este ato de fé, fazemos também um ato de confiança e de amor face ao desígnio do Pai. Interiorizamos o mistério que nos é desvelado. O ato de fé coloca-me na presença do mistério já oferecido. Como diz a Epístola aos Hebreus: «A fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se veem» (He 11,1)

## Pistas para meditar:

- Face a este desígnio de amor do Pai por cada um de nós, como recebo esta revelação da minha vocação filial?
- Que significa para mim ser filho de Deus em Jesus Cristo? Tenho ainda atitudes servis, reações que exprimem medo de Deus?
- Consigo fazer um ato de fé que ilumine a minha oração e o meu quotidiano à luz do desígnio de Deus, nosso Pai?

Fr. Antoine-Marie Leduc,  
ocd (convento de Avon)



## Oração em cada dia da semana – Semana 2

### Segunda-feira, 6 de Março: Escolher a boa medida

«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6,36-38)

Jesus, o Artista das almas, fica contente quando não nos detemos no exterior, mas, penetrando até ao santuário que escolheu para sua morada, lhe admiramos a beleza.» (Santa Teresa do Menino Jesus, Manuscrito C, 14rº)

Examino a medida de que me sirvo para medir os outros; escolho aquela que será usada também para mim.



### Terça-feira, 7 de março: Um único Mestre – Cristo!

«Um só é o vosso Pai, Aquele que está no Céu» (Mt 23,1-12)

«... Já te disse tudo na minha Palavra, que é o meu Filho (...) se fixares n'Ele o teu olhar, acharás tudo (...) Irmão, Companheiro, Mestre.» (São João da Cruz, 2 Subida do Monte Carmelo, cap. 22, 5)

Acolho Jesus como meu Irmão, meu Mestre e dou graças por Ele ao Pai.



### Quarta-feira, 8 de março: A verdadeira ambição

«Bebereis o meu cálice; mas sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não Me pertence a Mim concedê-lo: é para quem meu Pai o tem reservado.» (Mt 2, 17-28)

«Meu Deus, não me ireis roubar o que me destes um dia no vosso único Filho, Jesus Cristo, no qual me destes tudo quanto quero; (...) Não te rebaixes nem olhes às migalhas que caem da mesa do teu Pai.»(São João da Cruz, Oração da Alma Enamorada)

Digo lentamente a oração de São João da Cruz: que a minha única ambição seja estar com Jesus. A realização das promessas de Deus.

Legenda: Enquanto medita a Palavra de Deus, o Espírito Santo irrompe e invade João da Cruz.



### Quinta-feira, 9 de março: Crer na Ressurreição

«Se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tão-pouco se deixarão convencer se alguém ressuscitar de entre os mortos.» (Lc 16,19-31)

Maria, sê mãe, mãe até ao fim, mãe da Vida, mãe da Misericórdia, mãe desta vida que desce mesmo sobre a miséria, para repará-la, para ressuscitá-la.» (Beato Eugénio-Maria do Menino Jesus, Homilias)

Hoje torno a professar a minha fé na Ressurreição, na de Cristo e naquela a que somos chamados.



### Sexta-feira, 10 de março: Acreditar que é possível a mudança

«Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram transformou-se em pedra angular? Isto é obra do Senhor e é admirável aos nossos olhos!» (Mt 21,33-43.45-46)

Os braços do Crucificado estão inteiramente abertos para te atrair ao seu Coração. Ele reclama a tua vida para te dar a sua.» (Santa Teresa Benedita da Cruz, Source cachée).

Hoje reafirmo a minha fé no Senhor, que pode transformar todas as situações difíceis.



### Sábado, 11 de março: Diante da generosidade divina

«O filho disse-lhe: "Pai, (...) já não mereço ser chamado teu filho." Mas o Pai disse aos seus servos: "Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha" ...» (Lc 15, 1-3.11-32)

«Ó meu Deus! Excedestes a minha esperança e eu quero cantar as vossas misericórdias!» (Santa Teresa do Menino Jesus, Manuscrito C, 3rº)

Faço memória dos momentos em que compreendi quanto o Senhor me deu mais do que eu teria imaginado.

